



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ  
MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

PARINTINS/AM

2022

ALEXANDRE TYSON FERREIRA DE SOUZA

ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ  
MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas Do Centro De Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito obrigatório ao Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Dr. Fabiano Gazzi Taddei

PARINTINS/AM

2022

**ALEXANDRE TYSON FERREIRA DE SOUZA**


**ETNOCONHECIMENTO SOBRE OS CRUSTÁCEOS DECAPODOS DOS SATERÉ  
MAWÉ DO ANDIRÁ - BARREIRINHA/AM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas como requisito obrigatório ao Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

**ORIENTADOR: Dr. Fabiano Gazzi Taddei**


**Aprovado em 19 de maio de 22 pela Comissão Examinadora.**

**BANCA EXAMINADORA**



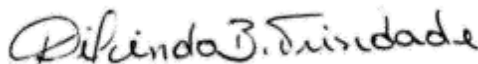
---

Presidente/Orientador



---

Membro Titular



---

Membro Titular

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a TUPANA (Deus), por me guiar em todos os momentos da minha vida, concedendo saúde e sabedoria e um pouco de loucura, me mantendo forte e aguerrido para superar as dificuldades, e por ter proporcionado realizar mais esta conquista em minha caminhada em busca de um sonho.

A esta universidade, seu corpo docente, direção, administração que juntos buscam uma boa qualidade de ensino superior.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fabiano Gazzi Taddei, que compartilhou seus conhecimentos, o seu olhar crítico e construtivo e disponibilizando o seu precioso tempo para a construção deste trabalho de conclusão de curso meu Waku Sese.

Aos meus familiares, principalmente aos meus pais Rosa da Silva, José Carlos, Wilson Ahiang Branco(padrao) e meus irmãos Jersey Ferreira, Ariane Ferreira e Graziela Loterio, aos meus tios Gerlane Ferreira, tio Francisco Miquiles(Mangaí), Merita Ferreira, Mecias Sateré, Edilane Pereira(Dila), Elisângela Pereira(Liza), Benedito Pereira Junior(Jóia), aos meus primos que sempre estiveram do meu lado nos momentos de luta, Mecias Junior(Bulete), Maiki Batista(Malukinho), Estefane Batista(Estefane de Nada), Jessé Batista(Baffana), Tayná Batista Sateré, Bruno Fernandes(Militinho), Eduardo Fernandes(Precoce), que apesar de todas as dificuldades me ajudaram na realização desse sonho, por meio de incentivos, cuidados e amor incondicional.

Agradeço minha amada Avó Lenita da Silva (*in memorian*), por ser o meu maior exemplo como profissional, como mulher e como mãe e por sempre acreditar no meu potencial e avó Albertina Barbara Pinheiro pela educação e criação como ser humano, guerreira, forte e batalhadora.

Em especial, agradeço ao meu Avô Francisco Ferreira (Chico Caroço) (*in memorian*), que mesmo não estando mais no meio de nós, sempre acreditou que eu seria capaz de realizar algo a mais e ser um grande patife.

A família Costa, em especial minha coelhinha Alessandra Costa, minha sogra Naíde Costa, ao meu sogro Bosco Ferreira.

A todos os professores do Curso de Ciências Biológicas que ajudaram a construir as estruturas de nossa vida acadêmica.

E agradecimento mais que especial, e de muita gratidão as minhas professoras e mãezonas Professora Dra. Cynara Carmo Bezerra e Professora Engenheira

Florestal Fiorella Perotti Chalco, que nas horas mais difíceis, estavam sempre ali para incentivar e até mesmo pagar um lanche e cesta básica para que pudéssemos nos manter na cidade e focar nos estudos.

As pessoas maravilhosas que pude conhecer no Cesp, Professora Francisca Keila Amôedo, Professor Diretor Marciliano, Lundrings de Sá, Kletrianny Gama e Priscila Valente.

Ao meu grupo de início de curso, o grupo mais porco da sala em nome de, Alessandra Libório, Arilson de Souza, Frank Lima, Jéssica Lopes, Jonilson Gonçalves e Juliana Soares, cito também a tia Marta, que fazia nossos almoços e merendas deliciosas quando nos reuníamos em sua casa, agradeço de coração por fazerem parte da minha caminhada.

Aos meus amigos de casa do estudante em especial, Mivandel Santos, Vicente de Oliveira, grande Leozão Cabral (*in memorian*), Paulo Henrique, Miller Miquiles, Marinilson Cardoso, Rosineio de Oliveira, Sânia Menezes, Debora Paz, Kellison Castro, Jocinedson Printes, Cristian Douglas, Marlen Seixas, Samir Alfaia, Anna Claudia, Rafael Braga, Riquel Macaxi, Orlean Barroso e Joelson Kovick.

Ao pessoal servidor da casa do estudante da UEA/Parintins cito dona Socorro, dona Morena, dona Pipi, senhorita Tarcy, dona Simone, dona Silvana, dona Edina, Sr Luíz (Rodrigo Hilbert), Sr Manoel, Sr Enoque e William, por toda paciência e acolhimento.

Aos meus amigos que contribuíram com meu trabalho de conclusão de curso, Ádria Naísa Trindade, Lucas Gama, Marcos Roberto Roque, Marinilson Cardoso, Miller Miquiles, Marnisson Bahia, agradeço por incentivo e contribuição no meu trabalho, cito ainda um dos mais importantes por sua amizade verdadeira e orientação sobre as dificuldades da universidade que me fez crescer como pessoa, Raimundo Neto, Marcio Perreira e Willame Oliveira. Waku uiwya'in.

A todo o pessoal das comunidades que me ajudaram nesse processo de pesquisa, pessoal das aldeias Vila Miquiles, e Aldeia Ponta Alegre.

A coordenação local da Fundação Nacional do Índio – Funai Parintins, em nome do Sr. Coordenador Técnico local, Sérigo de Seixas Bútel, que nos atendeu nos processos de legalização e autorização para pesquisa nas áreas indígenas do Andirá, protocolo do documento Funai Registrado CTL Parintins – CR – Manaus, nº00.059.311/0003-38.

***“Waku sese TUPANA”***

## RESUMO

O presente trabalho levanta a discussão sobre saberes tradicionais dos povos indígenas: Etnoconhecimento sobre os crustáceos decapodos dos Sateré Mawé do Andirá - Barreirinha/Am. Sabendo-se que com a verificação dos dados está se perdendo o intercâmbio de saberes tradicionais por parte das novas gerações e, que podemos aliar o conhecimento tradicional empírico ao conhecimento científico e através disso ensinar e aprender sobre zoologia relacionando tais conhecimentos. O trabalho teve seu desenvolvimento metodológico uma pesquisa de abordagem por meio de entrevistas abertas realizadas em comunidades indígenas do Andirá, pertencente ao município de Barreirinha-AM, tendo como objetivo principal Identificar as práticas e o etnoconhecimento sobre os crustáceos decápodos regionais nos indígenas Sateré Mawé das comunidades do Município de Barreirinha/AM. Para isso foram realizadas coletas dos crustáceos decápodos mais conhecidos pelos indígenas para que pudéssemos identificar como esses saberes estavam interligados, cientificamente, ou se os indígenas continham o saber diferenciado mais específico sobre os crustáceos decapodas. Levando em consideração escassez de artigos relacionados ao etnoconhecimento dos povos Sateré Mawé em relação à zoologia, e no que tange o conhecimento sobre os crustáceos decapodos, faz sentido e é de fundamental importância realizar um inventário dos saberes e dos usos e práticas dos povos tradicionais indígenas.

**Palavras-chave:** Crustáceos; Decapodos; Etnoconhecimento; Sateré Mawé.

## ABSTRACT

The present work raises discuss about traditional knowledge of indigenous peoples: ethno- knowledge about the crustaceans decapods of the Sateré Mawé of the Andirá – municipality of the Barreirinha/Am. Knowing we have seen that the exchange of traditional knowledge by the new generations is being lost, and that we can combine traditional empirical knowledge with scientific knowledge and through that teach and learn about zoology relating such knowledge. The aim of this work is a methodological development through an approach research through open interviews carried out in indigenous communities of the Andirá, belonging to the municipality of Barreirinha-AM, with the main objective of characterizing the ethno-knowledge about the regional decapod crustaceans of the Sateré Mawé, in the indigenous communities of the Municipality of Barreirinha/AM. For this, collections of the decapod crustaceans more known by the indigenous people were carried out so that we could identify how this knowledge was scientifically interconnected, or if the indigenous people contained more specific rudimentary knowledge about decapod crustaceans. Taking into account the scarcity of articles related to the ethno-knowledge of the Sateré Mawé peoples in relation to the zoology, and regarding the knowledge about decapod crustaceans, it makes sense and is of fundamental importance to carry out an inventory of the knowledge and uses and practices of traditional indigenous peoples.

**Keywords:** Crustaceans; Decapods; Ethno knowledge; Sateré Mawé.

## LISTA DE FIGURAS e TABELAS

<b>Figura 1</b> - Mapa de localização Terra Indígena Andirá - Município de Barreirinha/AM.....	19
<b>Figura 2</b> - : Descrição bilíngue das estruturas do Camarão .....	28
<b>Figura 3:</b> Descrição bilíngue das estruturas do Caranguejo.....	29
<b>Quadro1</b> – Tabela bilíngue das estruturas dos Crustáceos Decapodos .....	27



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
1. REVISÃO TEÓRICA .....	11
1.1 ETNOCONHECIMENTO.....	11
1.2 TRADIÇÃO E ETNOBIOLOGIA.....	11
1.3 EDUCAÇÃO DIFERENCIADA .....	13
2. OBJETIVOS .....	18
2.1 GERAL.....	18
2.2 ESPECÍFICOS.....	18
3. MATERIAL E MÉTODOS .....	18
3.1 ÁREA DE ESTUDO .....	18
<b>3.1.1 Local da Pesquisa</b> .....	18
3.2 TIPOS DE PESQUISA .....	19
3.3 COLETAS DE DADOS.....	20
3.3.1 Obtenção dos dados avaliados.....	20
3.3.2 Procedimentos .....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	23
CONCLUSÃO.....	32
BIBLIOGRAFIA .....	33
ANEXO 01.....	36
ANEXO 02.....	37
ANEXO 03.....	38
ANEXO 04.....	39
ANEXO 05.....	40

## INTRODUÇÃO

A busca por conhecimento é cada vez mais intensa e, nos dias de hoje, a ciência está muito relacionada aos conhecimentos que possuem comprovação, mas sempre aliada a pesquisas e levando em consideração os saberes empíricos e tradicionais. Assim valoriza os saberes tradicionais dos povos, sejam ribeirinhos, quilombolas ou indígenas.

Os Sateré-Mawé fazem parte de uma etnia indígena que habita a floresta tropical entre o Amazonas e o Pará e, integra a família linguística tupi-guarani. É possível que, no século XVII, os Sateré-Mawé ocupassem vastos territórios do planalto e das margens do rio Tapajós. Com o avanço colonial, migraram na direção das cabeceiras dos rios Andirá, Araticum, Abacaxis e Urariá (Pereira, 2003).

O censo demográfico indígena realizado em 2005 registrou uma população de 8.373 indígenas, sendo 5.510 falantes da língua Sateré-Mawé, 2.992 que a liam e 2.980 que a liam e escreviam (TEXEIRA, 2005, citado em ESTEVES, 2007, p.9). A TI Andirá-Marau está localizada entre os estados do Amazonas e Pará, abrangendo os municípios de Aveiro e Itaituba (PA), Barreirinha, Maués e Parintins (AM), nas calhas dos rios Urupadi, Marau, Andirá e Uaicurapá. Foi homologada em 1986 com uma área de 788.528 hectares, dos quais 3% estão em sobreposição com a Floresta Nacional do Pau-rosa e 11% em sobreposição com o Parque Nacional da Amazônia. É constituída por 103 aldeias e sítios ao longo das calhas dos principais rios (BRASIL, 2019). Com aproximadamente 13.350 pessoas, falantes da língua Mawé e com domínio do português (IBGE, 2010). Atualmente a população vive principalmente nas margens dos rios Marau, Miriti, Urupadi, Manjuru e Andirá, com uma população aproximada de 14.268 pessoas (SESAI 2013). O censo citado por Esteves (2007) refletiu significativo crescimento populacional, se comparado com o indicado por Uggé (1986), que fixou a população em 4.500 indivíduos. Henrique Uggé identificou esse povo, composto por dois grupos com uma identidade própria - Sateré-Mawé, como descendente dos habitantes das terras próximas aos rios Andirá e Marau.

Os registros identificadores dos Sateré-mawé, desde o período colonial, indicam como marcadores mais significativos, com relação à construção étnica: o consumo ritual do guaraná (*Paullinia sorbilis*), vindo da terra cultivada como fonte da saúde, o culto ao *puratin* ou *poratig*, o Remo Mágico; e o Ritual da Tucandeira ou rito

de iniciação masculina (Bernal, 2009). Levando em consideração esses pontos identificadores, a cultura indígena possivelmente vem se perdendo devido à influência de vários fatores, principalmente em função do uso frequente da língua portuguesa, que se dá por membros de grupos que habitam comunidades localizados na entrada das terras indígenas, e pelos indígenas que viajam com frequência para zona urbana (CARNEIRO, 2012).

A agricultura é o principal setor de subsistência dos Sateré Mawé, em que se destacam principalmente o plantio da mandioca e do guaraná. A farinha de mandioca é a base da alimentação, mas também há o plantio da banana, batata doce, cará branco (espinho), cará roxo, e do abacaxi e outras infinidades de cultivo frutíferos, que são comercializadas no município de Barreirinha e na cidade Parintins. Além da agricultura, o povo Sateré das atividades de caça, pesca e da coleta do extrativismo florestal, de onde se extrai o óleo da copaíba, da andiroba, cumaru, castanha-da-Amazônia, bacaba e açaí. O que se configura como uma outra fonte de alimentação dos Sateré Mawé são os crustáceos como no caso dos caranguejos e camarões que além disso, também servem como iscas para a prática da pesca de outros peixes, a coleta destes crustáceos é realizadas de forma tradicional, eles são procurados e encontrados em pedras, troncos imersos e em locais onde são depositados casca de mandioca em decomposição.

Ao longo tempo a alimentação da tribo indígena Sateré Mawé mudou de forma drástica em decorrência ao uso de alimentos industrializados, como frango congelado, enlatados, milito, bolachas e refrigerantes, o que é incomparável nutricionalmente aos alimentos tradicionais. O excesso do sal e açúcar está causando danos prejudiciais à saúde dos indígenas (BRESAN; BASTOS; LEITE, 2015; DE CASTRO et al., 2010). O consumo de alimentos industrializados está relacionado a inúmeras doenças, e a baixa qualidade de vida, o que consiste na desvalorização da culinária regional.

Devido a ao conhecimento tradicional e suas crenças, de que o meio ambiente trás benefícios sobre a sua saúde e a sustentabilidade, de maneira que não o cause danos ou danifique a continuidade da transmissão de conhecimento para futuros descendentes da etnia Sateré Mawé, ressaltando a importância da valorização cultural, destacando o etnoconhecimento que é de suma importância para a enriquecer o conhecimento e costumes entre a comunidade indígena,

fortalecendo culturalmente o indígenas mais jovens que estão sendo afetados pelas novas tecnologias.

Através desses saberes tradicionais, podemos verificar a importância dos estudos sobre os crustáceos decapodos regionais para os Sateré Mawé, de como eles conhecem, qual denominação sobre as características morfológicas e se estes grupos tem importância alimentar, medicinal ou econômico. Para Johannes (1989), o conhecimento ecológico local adquirido pelos pescadores artesanais pode ser de grande utilidade, especialmente, em países em desenvolvimento, onde as informações são escassas ou mesmo inexistentes.

## **1. REVISÃO TEÓRICA**

### **1.1 ETNOCONHECIMENTO**

O termo Etno vem do grego *ethnos*, que significa “identidade de um povo”. Etnoconhecimento é um termo criado para abranger tudo aquilo que alguns povos têm e podem compartilhar, incluindo crenças, tradições, modo de fazer ou de produzir algo. De acordo com Miranda (2007), o etnoconhecimento refere-se aos “conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal”.

Segundo Nascimento (2013), etnoconhecimento são os saberes, tradições (cultura) passados de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com meio que os cerca e seus fenômenos naturais. Segundo Mafort, et al. (2019), o etnoconhecimento se refere, especialmente, ao que os indígenas, os quilombolas, os pescadores e outras comunidades tradicionais ou locais, que buscam viver em sintonia com o ambiente e seus recursos naturais, têm a ensinar para quem não conhece essa realidade.

### **1.2 TRADIÇÃO E ETNOBIOLOGIA**

Quando se fala de tradição e etnobiologia, como elas podem estar relacionadas com o etnoconhecimento dos povos indígenas Sateré Mawé?

A etnobiologia é o estudo das complexas relações que existem entre seres vivos e sistemas culturais, tanto nas sociedades passadas quanto nas atuais (INTERNATIONAL SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 2012).

Segundo Posey (1987), a etnobiologia estuda o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer grupo cultural a respeito da biologia, estudando o papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação desses grupos a determinados ambientes.

Sendo assim, o termo Etnobiologia significa conhecimento tradicional de um determinado povo sobre a vida relacionada às plantas, aos animais, e na relação desses seres vivos com o ambiente, e como são utilizados por diferentes culturas.

Sabemos que os indígenas são os povos originários do Brasil e, tradicionalmente estão ligados à natureza e suas peculiaridades, conjugado com seus saberes empíricos produzindo saberes científicos. Com essa característica conhecem muito bem a natureza, sabem viver no seu ambiente e, utilizam o que ele oferece de forma sustentável, isto é, para o próprio sustento, sem esgotar ou destruir os seus recursos naturais. Logo, a sabedoria desses povos pode ser aproveitada no desenvolvimento de melhorias das condições ambientais e sociais.

Segundo Posey (1987) o conhecimento dos povos tradicionais (indígenas e não-indígenas) não se enquadra em categorias e subdivisões, precisamente, definidas como as que a biologia tenta, artificialmente organizar.

É importante afirmar também que a criação de uma etnociência da conservação foi influenciada nas décadas de 70 e 80 pelo surgimento e expansão de vários movimentos sócio-ambientais nos países tropicais, preocupados com a conservação e a melhoria das condições de vida da população rural. No Brasil, essa nova ciência acompanha o surgimento e fortalecimento do Movimento dos Povos Indígenas, dos Seringueiros, dos Quilombolas com propostas concretas de áreas protegidas como as reservas extrativistas, e o surgimento do termo Etnobiologia.

Segundo Posey (1987) pode-se ainda definir a etnobiologia como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; esse estudo engloba tanto a maneira pela qual um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas”. E ele ainda complementa que a etnobiologia é, essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade acerca da biologia.

No entanto a etnozoologia é um termo bastante utilizado cientificamente, mas que de certa forma é novo para os povos tradicionais Sateré Mawé, sendo necessário para que seja compartilhado os seus conhecimentos empíricos e comparados aos conhecimentos científicos. Segundo Martin (1995), o prefixo *ethno* significa, resumidamente, os modos como as sociedades compreendem o mundo. Logo, a Etnozoologia é definida como o estudo transdisciplinar dos pensamentos e percepções (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações afetivas) e dos comportamentos (atitudes) que intermedeiam as relações entre as populações humanas que os possuem com as espécies de animais dos ecossistemas que as incluem (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007). Overall (1990) resume a Etnozoologia como o estudo dos conhecimentos, significados e usos dos animais nas sociedades humanas. Mas para que se tenha esse estudo e a troca de conhecimento os indígenas precisam de um norte educacional, onde métodos de ensino estejam aliados aos seus costumes, valores, cultura e linguísticas. Fala-se muito em uma educação diferenciada, mas onde há equívocos, pois modelos implementados são formulados por pessoas que nem se quer sabem a realidade de um povo e por fim inserem uma educação tradicional e imposta desde os primórdios da invasão no Brasil por missionários portugueses. Mas que por meio dessa educação houve um avanço no aprendizado da língua portuguesa.

### 1.3 EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Quando falamos em educação diferenciada não podemos comparar uma educação de escola que é dada pelos governos estaduais e municipais, que muitas das vezes não tem uma real situação da realidade dos povos indígenas do Brasil e as lutas que muito tiveram e ainda estão tendo para que essa educação seja executada com êxito nas comunidades indígenas está assegurada na Constituição de 1988.

De acordo com a Constituição de 1988, os indígenas deixaram de ser considerados como categoria social, em vias de extinção, e passaram a ser respeitados como grupos étnicos diferenciados, com direito a manter "sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições". (CF Art. 231). O mesmo texto constitucional, em seu artigo 210, assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas (CF Art. 215). Estes dispositivos constitucionais dão sustentação

à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que garante aos povos indígenas, nos artigos 78 e 79, a oferta de educação escolar bilíngüe e inter-cultural.

Com isso a educação escolar indígena deve ser específica e diferenciada, pois cada povo tem sua especificidade, culturas diferentes, vivencia processos históricos únicos e, daí parte a ideia central de que a escola diferenciada precisa ser uma escola que não seja embasada na escola dos não indígenas. Segundo a lei e os argumentos, cada um desses povos é único, tem uma identidade própria, fundada na própria língua, no território habitado e explorado, nas tradições, costumes, história e organização social, muita das vezes totalmente diferenciada da realidade dos não indígenas (BRASIL, 1997).

Pesquisas indicam que existem hoje entre 290.000 e 330.000 indígenas em suas terras, constituindo cerca de 210 grupos distintos, falantes de mais de 170 línguas diferentes, isso sem levar em consideração os indígenas urbanos, que migram para as cidades em busca de novas oportunidades, que são conhecidos pelos órgãos federais, estaduais e municipais como indígenas citadinos (aqueles que moram na cidade) e com isso perdem os direitos de atendimentos como indígenas na área da saúde e educação que lhe são assegurados por lei.

A política desenvolvida pelo MEC visa assegurar aos povos indígenas uma escola de qualidade, que respeite suas especificidades culturais e que garanta sua participação plena nos projetos de futuro do País. Apesar de esta relatada nas "Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena" (BRASIL, 1993). É impossível esboçar um perfil da educação escolar indígena no país, mas isso porque os órgãos competentes não tem uma estrutura com recursos suficiente que atendam as necessidades para verificar ou criar políticas públicas e educacionais, levando em consideração os costumes e cultura de um povo ou nem realmente conhecem as aldeias.

De acordo com a Constituição de 1988 e a nova LDB incorporam o princípio ao garantirem aos povos indígenas o direito de utilizar suas línguas maternas ao longo do processo educativo, oral e escrito, de todos os conteúdos curriculares. O português aparece como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros - formal, coloquial, e outros. E segundo a legislação os povos indígenas têm o direito de utilizar as suas línguas maternas nos processos educativos escolares.

O MEC publicou em 1998 o Referencial Curricular Nacional para a Escola Indígena (RCNEI), que compõem o conjunto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O RCNEI constitui-se em proposta formativa que pretende garantir os pontos comuns, encontrados em meio à desejada diversidade e multiplicidade das culturas indígenas, tal como estão garantidos nos princípios legais do direito à cidadania e à diferença, traduzidos numa proposta pedagógica de ensino-aprendizagem que promova uma educação intercultural e bilíngüe, assegurando a interação e parceria. Assim processo educativo escolar diferenciado é um processo coletivo de construção do conhecimento, envolvendo alunos, professores e comunidade, o currículo não deve ser apenas uma grade de matérias, é a grade de matérias mais tudo aquilo que envolve a vida da criança, dentro e fora da sala de aula e que envolve o seu desenvolvimento, tendo como objetivo a conquista da autonomia socioeconômica e cultural de cada povo.

De acordo com Decreto Presidencial nº 26, de 4 de fevereiro de 1991, ficou atribuída ao MEC a competência de coordenar as ações referentes à Educação Escolar Indígena no país tais como:

Coordenar as ações de educação escolar indígena no país. - Definir a política nacional de educação escolar indígena, a qual propõe as linhas gerais e diretrizes para a oferta de programas educacionais aos povos indígenas a serem seguidas pelos Estados, Municípios e ONGs, em suas atuações na área de educação escolar indígena...investir na formação inicial e continuada dos profissionais de educação indígena;- estimular a produção e publicação de material didático; - divulgar para a sociedade nacional, de forma séria e criteriosa, a existência da diversidade étnica, linguística e cultural no país”

Apesar de estar tudo assegurado na legislação, os indígenas ainda tem uma grande barreira em montar sua tal sonhada educação diferenciada.

E quando falamos de povos indígenas, relatamos em nossa pesquisa o povo Sateré Mawé e seu etnoconhecimento sobre os crustáceos decapodos do rio Andirá, a respeito do nome autodenominaram-se Sateré-Mawé. O primeiro nome – Sateré – quer dizer “lagarta de fogo”, referência ao clã mais importante dentre ao que compõem esta sociedade, aquele que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos. O segundo nome – Mawé – quer dizer “papagaio inteligente e curioso” e não é designada clânica (Alvarez, 2005).

O tronco Tupi constitui-se de 10 famílias (Tupi-Guarani, Arikém, Awetí, Juruna, Mondé, Purubora, Munduruku, Ramarama, Tupari); 40 línguas e 15 dialetos.



(RODRIGUES, 2002, p. 41-42). A língua Sateré Mawé, apesar de ter origem comum com outras línguas derivadas do tronco Tupi, se diferencia das demais línguas indígenas na sua constituição gramatical. Existe uma série de ocorrências em níveis gramatical e lexical que não correspondem àquelas de línguas do mesmo tronco (SILVA, 2010).

A maioria dos homens adultos é bilíngue, principalmente nas aldeias maiores que ficam nas proximidades de cidades Maués, Barreirinha e Parintins. As mulheres geralmente compreendem um pouco de português, mas falam somente sua língua Sateré-Mawé. As crianças são geralmente falam apenas a língua materna indígena, especialmente nas comunidades e sítios mais isolados (SUZUKI, 1997).

A língua Sateré pode ser representada de duas maneiras tanto através da escrita como também por meio da oralidade (linguagem verbal). “[...] a língua Mawé como qualquer outra, é uma língua rica, com sua gramática e sistema fonético-fonológico próprio” (AZEVEDO, 2015, p. 13).

Segundo Franceschini (2005, p. 15) Muehay ja’agkap ahyt pe tukupte’em 12 muehay já’agkap mipowyro ko’i. Mi’iria set ri **mokyha** e. Mi’i hawyi 6 muehay já’agkap weran wuat sehay nug haria. Mi’iria set ri **senugha** e. (No alfabeto Sateré há 12 fonemas que depende de ajuda e que são chamados *mokyha* (consoantes). E também há 6 fonemas que podem formar palavras sozinho e que são chamados de *senugha* (vogais).)

Mokyha ko’i: ģ h Ĵ m n k p r s t w ’

Senuġha ko’i: a e i y o u      ã ě ĩ ŷ õ ũ

ã ě ĩ ŷ õ ũ      ã ě ĩ ŷ õ ũ

Seguindo o contexto gramatical da língua Sateré Mawé, abordaremos as informações das entrevistas dos indígenas em sua linguagem e escrita, como se referem aos crustáceos decapodos, Camarão (Pohiã) e o Caranguejo (Akāt’a).

Os crustáceos formam um dos mais antigos e diversos grupos taxonômicos, tanto em padrões morfológicos como em número de espécies, apresentando cerca de 40.000 espécies descritas e ocupando quase todos os habitats inseridos no meio aquático, entre salinos, dulcícolas e salobros (Barnes et al, 2005). A ordem Decapoda Latreille, 1802 é a mais diversificada e mais conhecida, uma vez que incluem espécimes populares, geralmente de interesse econômico, como camarões, siris, caranguejos e lagostas (Melo 2003, Pimentel e Magalhães 2014, Mantelatto et al., 2016).

#### 1.4 CAMARÕES DULCÍCOLAS

Grande parte dos camarões de água doce pertence ao gênero *Macrobrachium* (BATE, 1868). O gênero possui 210 espécies descritas com ocorrência em regiões tropicais e subtropicais do planeta (SHORT, 2004) com amplo sucesso de colonização de ambientes estuarinos e água doce (VALENCIA e CAMPOS, 2007). No Brasil 19 espécies do gênero *Macrobrachium* foram descritas (PORTO, 1998), dentre as quais se destaca, na região amazônica, *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1862) por apresentar interesse comercial pela pesca, sendo assim, bastante utilizado para o consumo humano (PINHEIRO e HEBLING, 1998). É considerado uma fonte de proteína animal e renda para as populações ribeirinhas (SILVA et al, 2007; SOUZA et al, 2014). Nos estados do Amapá e Pará, ainda que seja considerada uma atividade artesanal, *M. amazonicum* possui importância econômica e social, em razão do envolvimento de uma parcela significativa de famílias ribeirinhas em todos os elos da cadeia produtiva (LIMA e SANTOS, 2014).

#### 1.5 CARANGUEJOS DULCÍCOLAS

Segundo Magalhães (2000), os caranguejos de água doce têm grande importância nos processos ecológicos dos ambientes aquáticos. Na infraordem Brachyura, também pertencente à subordem Pleocyemata, inclui os caranguejos e siris, sendo a grande maioria marinha, mas há uma grande variedade de espécies dulcícolas e semiterrestres.

Existem cerca de 310 espécies de caranguejos de água doce na região Neotropical, distribuídas em duas famílias Trichodactylidae e Pseudothelphusidae (Cumberlidge et al, 2014). Os representantes dessas duas primeiras famílias apresentam-se distribuídos apenas na América do Sul, sendo os Trichodactídeos facilmente diferenciados dos pseudoteufusídeos pela presença de espinhos na margem lateral da carapaça e, por cerdas nos dactílos dos pereiópodos (Magalhães, 1991). A família Trichodactylidae é exclusivamente dulcícola, e é representada na região Neotropical por menos de 50 espécies que ocorrem desde o sul do México até a Argentina, sempre em rios da drenagem Atlântica (MAGALHÃES, 2003a; Ng et al., 2008).

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Identificar as práticas e o etnoconhecimento sobre os crustáceos decápodos regionais nos indígenas Sateré Mawé das comunidades do Município de Barreirinha/AM.

### **2.2 ESPECÍFICOS**

Descrever as diferenças no etnoconhecimento sobre crustáceos decapodos relacionado à faixa etária dos entrevistados identificando variações nos saberes;

Identificar os crustáceos decápodos encontrados na região onde habitam os Sateré Mawé estudados;

Levar através de palestras a importância do etnoconhecimento e como os crustáceos podem contribuir ambientalmente e também economicamente para a cultura dos Sateré Mawé.

## **3. MATERIAL E MÉTODOS**

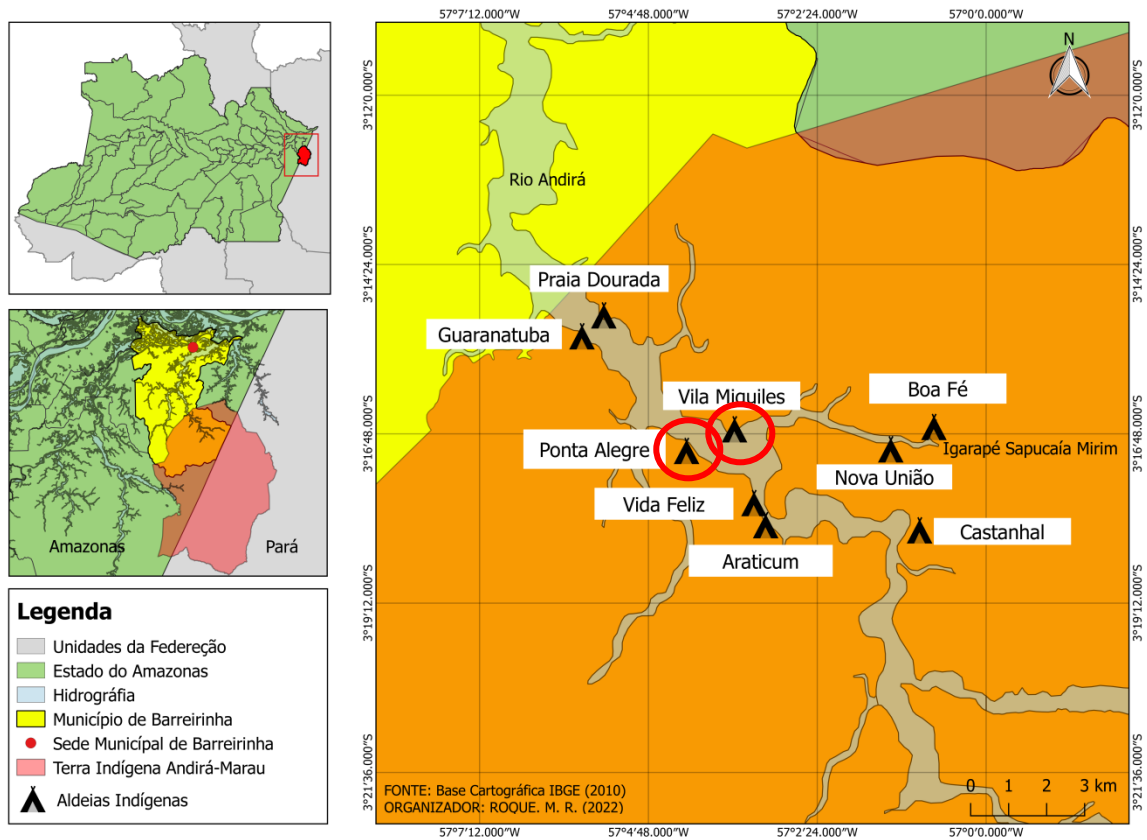
### **3.1 ÁREA DE ESTUDO**

#### **3.1.1 Local da Pesquisa**

A área de estudo está localizada na jurisdição do município de Barreirinha – AM, nas proximidades entre a aldeia Ponta Alegres (hoje distrito) e Aldeia Vila Miquiles, como mostra a (figura 1). A população da Aldeia Ponta Alegre é predominante jovem, sendo 52% do sexo masculino. A aldeia de Ponta Alegre é a que concentra maior número de pessoas em relação a outras aldeias.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) a terra indígena Andira/Marau, possui 788.528 hectares e uma população aproximada de 14.268 pessoas (SESAI 2013). O território está localizado na jurisdição entre cinco municípios: Barreirinha (figura1), Maués e Parintins, no Amazonas e; Aveiro e Itaituba, no Pará.

**Figura 1** - Mapa de localização Terra Indígena Andirá - Município de Barreirinha/AM



Fonte: ROQUE. M.R, (2022)

Não se têm as coordenadas exatas da distância entre o município de Parintins até a Aldeia Ponta Alegre ou de Barreirinha até Ponta Alegre, sabe-se que através de viagem de barco de recreio pelos rios saindo de Parintins leva em torno de 09 horas, e do município de barreirinha, leva em torno de 5hs, e levando e relação a viagens de lanchas voadeiras, do trajeto de Parintins a Ponta Alegre, leva em torno de 3hs, já de Barreirinha, em torno de 1 hora e 30 minutos, dependendo da potência do motor.

### 3.2 TIPOS DE PESQUISA

A pesquisa constituiu-se de um questionário semiestruturado relacionado a crustáceos decapodos. Segundo MARCONI e LAKATOS (2004) a entrevista é uma técnica de pesquisa que representa um dos instrumentos básicos para a coleta dos dados. Visto que é através das entrevistas que se fazem os questionamentos e

obtêm-se as informações necessárias para uma pesquisa que atinja os objetivos propostos.

Marconi e Lakatos (2004) relatam que, na entrevista semiestruturada, o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Usou-se essa metodologia, pois é uma forma de poder explorar mais amplamente os questionamentos do questionário proposto, visto que os indígenas ainda têm certo receio ou vergonha de participar de certas entrevistas. Esses mesmos autores citam que o que diferencia o conhecimento científico do conhecimento popular é a forma, o método e os instrumentos do “conhecer”. E fazendo um comparativo sobre as entrevistas relacionado ao etnoconhecimento podemos associar a afirmação da autora Japiassu (1991), que apresenta a noção de conhecimento como um processo, como uma história que, aos poucos e incessantemente, fazem-nos captar a realidade a ser conhecida.

### 3.3 COLETAS DE DADOS

#### 3.3.1 Obtenção dos dados avaliados

O estudo foi desenvolvido em três etapas distintas. Na primeira, foi feita pesquisa bibliográfica sobre o etnoconhecimento, povo Sateré Mawé e sobre os crustáceos decapodos regionais, para que se tivesse uma base de como proceder e executar de maneira prática e eficaz nas comunidades indígenas selecionadas do povo Sateré Mawé do rio Andirá.

Na segunda etapa, foi feita a visita nas comunidades para que fossem aplicados os questionários relacionados aos saberes tradicionais dos indígenas, se eles teriam conhecimento desses tipos de animais, como eles conheciam se tinha mais de um tipo de crustáceo, como eles os chamavam no dialeto deles, e se havia algum folclore que relacionavam com os crustáceos decapodos.

Para que fossem realizadas as entrevistas, tivemos a autorização da FUNAI, (Anexos 2 e 3) como coordenação local e das lideranças indígenas locais (Tuxauas da comunidade) e com os moradores, sempre deixando-os cientes do intuito da nossa pesquisa.

Na terceira e última etapa foi feita a coleta de exemplares dos crustáceos decápodos com a ajuda dos pescadores locais, onde podemos verificar quais as técnicas eles utilizavam para fazer a captura dos mesmos.

### **3.3.2 Procedimentos**

#### **Primeira etapa**

Foram feitas pesquisas bibliográficas relacionadas ao etnoconhecimento ou saberes populares sobre os crustáceos decapodos na região do Amazonas e também sobre os indígenas da etnia Sateré Mawé. Em relação a artigos ou publicações sobre o etnoconhecimento sobre os crustáceos regionais, mais precisamente da região do baixo Amazonas, tivemos uma grande dificuldade, pois temos pouquíssimos artigos publicados quando considerado os povos indígenas da etnia Sateré Mawé. Desta forma nos baseamos em artigos que relatam o etnoconhecimento relacionados a outras áreas de conhecimento, não relacionado a zoologia conhecida pelos indígenas da região do Andirá, cito o município de Barreirinha/Am. Com isso tivemos que nos basear em artigos da mesma linha de pesquisa mais realizadas com outros grupos de seres vivos, para que pudéssemos aplicar e executar as entrevistas com os indígenas Sateré Mawé, do rio Andirá.

#### **Segunda etapa**

##### Questionário e entrevistas com indígenas Sateré Mawé

Na segunda etapa foi preparado um questionário com 20 perguntas que abordam conhecimentos mais gerais tais como: “como são chamados camarões/caranguejos? É conhecido mais de um tipo? Até informações específicas como: “Qual é principal importância de camarões e caranguejos para natureza?” (Anexo 1)

Foram entrevistados 10 indígenas entre adolescentes e adultos nas comunidades de Ponta Alegre e Vila Miquiles.

Questionário utilizado nas entrevistas:

1. Como são chamados os camarões? É conhecido mais de um tipo?

2. Como são chamados os caranguejos? É conhecido mais de um tipo?
3. Eles são pescados e utilizados na alimentação?
4. Em quais comidas eles são utilizados? Como são preparados?
5. Quais grupos (homens, mulheres ou crianças) pescam estes animais?
6. Como eles são pescados? Quais os instrumentos de pesca e iscas?
7. Existe algum folclore sobre estes animais?
8. São dados nomes específicos para as partes do corpo? Como a cauda, cabeça, etc...
9. Existe algum uso destes animais fora a alimentação?
10. Existe alguma época do ano que estes caranguejos ou camarões aparecem mais? Qual é esta época? E porque acreditam que aparecem mais nesta época?
11. Estes animais estão desaparecendo? Porque você acha?
12. Você acredita que os camarões se alimentam do que?
13. Você acredita que os caranguejos se alimentam do que?
14. Já viu algum peixe se alimentando de camarões ou caranguejos? Já viu esses animais na barriga de algum peixe? Qual?
15. Já viu alguma ave ou outro animal se alimentando de camarões ou caranguejos? Quais são eles?
16. De onde se acredita que venham caranguejos e camarões?
17. Camarões e caranguejos são utilizados em algum medicamento?
18. Existe pesca de camarões ou caranguejos para a venda?
19. Você sabe como estes animais reproduzem? Se sim explique como.
20. Qual é a principal importância de camarões e caranguejos para a natureza?

### **Terceira etapa**

A terceira e última etapa foi feita a coleta de exemplares dos crustáceos decapodos com a ajuda dos pescadores locais, onde podemos verificar quais as técnicas eles utilizavam para fazer a captura dos mesmos, como mostra as imagens nos anexos 4 e anexos 5.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar de existir poucos acervos bibliográficos disponíveis sobre o dialeto Sateré voltado ao estudo de zoologia, no que tange o etnoconhecimento, conseguimos obter termos e usos sobre o grupo com a metodologia utilizada.

O Decreto nº 6.861/2009, que define a organização da Educação Escolar Indígena em territórios etnoeducacionais, propõe um modelo diferenciado de gestão que visa fortalecer o regime de colaboração na oferta da Educação Escolar Indígena pelos sistemas de ensino, especificamente no seu art. 1º, determina que a Educação Escolar Indígena seja organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades.

Portanto é seguindo essa vertente que se faz necessário a troca de conhecimento entre os indígenas da maneira como cada um conhece sua realidade, seja cultural ou linguística, através desta pesquisa se fez necessário ouvirmos, dialogar e coletar dados sobre espécies de crustáceos decápodos conhecidos em seu dialeto e nome popular nas aldeias indígenas da etnia Sateré Mawé do rio Andirá no município de Barreirinha.

Foram entrevistados indígenas crianças e adultos, crianças da faixa etária de 12 anos de idade, e adultos com idade variando de 30 a 60 anos. No total foram 10 entrevistados, sendo duas do sexo feminino e oito do sexo masculino.

Conforme as primeiras perguntas “Como são chamados os camarões e caranguejos? É conhecido mais de um tipo?”. Os entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, foram unânimes em dizer que so se conhece como camarão e caranguejo, com duas pessoas especificando como se chamam no dialeto Sateré Mawé, e que há dois tipos de camarões e caranguejos, sendo que uns falaram que tem um de beira de rio e outro de mais profundidade, já outros falam que tem dois tipos um do rio e outro da mata, que vivem em buracos.

Os camarões aqui pra gente é chamado na língua Sateré de pohiã, e até no momento a gente sabe que tem apenas um tipo, mas a característica tipo meio avermelhado, preto esse são a característica né, a diferença das cores dele, pois a fêmea é meio roxo, que não tem quase contato com temperatura, como exemplo o calor da água, já o vermelho, eles são um pouco vermelho por que ficam, vamo dizer próximo da beirada ta, onde a água é um pouco morna, por isso eles ficam um pouco vermelho, e os a fêmea tipo roxo moram um pouco onde é frio por isso que ele é roxo [...]o caranguejo na língua Sateré é aca-á, mas também tem outros tipos de caranguejo tá, tipo os caranguejos que moram em terra e também que moram na água, por exemplo caso os caranguejos pequeno que moram no



buraco da pedra, nos buracos dos pau-podre são pequenos, agora os maiores vamo dizer embaixo da samambaia, nas tronqueiras eles moram, já o que mora em terra ele tem pouco contato com a água é mais em terra, porque ele se alimenta de alguns bichinhos também tá.[...] o camarão pra cá pra gente quanto encontra bastante é utilizado como alimento pra gente né, quando a gente pega de quantidade , o caranguejo nem todos se alimenta de caranguejo, mas tem varias pessoas que se alimenta de caranguejo.[...] o camarão pra cá é preparado assado, uns puquecam, da mesma forma o caranguejo tem uns que cozem o caranguejo, corta o cheiro verde, colocam na panela e cozem , uns puquecam, uns assam mermo, esses aí são o tipo de preparo.[...] tipo os homens pegam para pescar para isca, geralmente a gente coleta para se alimentar quando a gente pega de quantidade né, que tem época que a gente pega eles pra isca, principalmente crianças quando acha o camarão, os caranguejo, eles se admiram daquele bichinho e eles trazem.[...] geralmente pra, quando tá em falta de isca tipo o camarão é a gente coloca pedra, pau seco que tem buraco né, lá no fundo pra eles poder morar lá dentro ai outro dia gente vai lá pega, já tem o caranguejo, o camarão que serve pra isca tá, e geralmente a gente não pesca os caranguejos nem camarão, a gente coloca tipo uma armadilha só pra eles, pra entrarem lá, ficarem lá e a gente coletar eles.[...] sobre o caranguejo dizem, mas nem todo caranguejo também, tipo no caso o caranguejo esse que mora em terra eles dizem quando é moça nova não se guarda , dizem que quando aquele caranguejo vem até a casa da gente, porque vai acontecer algo, segundo a historia dos antigos e tambem se for a noite alguma coisa vai acontecer, do camarão a gente não vê muito por aqui.[...] no caso pra nós na língua Sateré, o corpo se chama ipit, ipiit né, que é o corpo, ai o rabo é ruaipó, iacangue é a cabeça, ruaipipé é aquele nadadeira dele.[...] serve de isca e somente para alimenta né, o caranguejo serve como isca também, quando não é encontrado o camarão o caranguejo serve pra isca também [...] o camarão pra gente pra cá aparece mais na época da seca, que os paus ficam distante né, aí os paus que ficam n'água, as pedras aí eles se agasalham embaixo daquele e moram lá dentro, por esse motivo é mais encontrado na seca e o caranguejo também da mesma forma, mas pra uma característica tipo quando enche o camarão tu só vai encontrar na enchente no fim do igarapé, tipo no braço de açai, bacaba, de patauá, tu vai encontrar os camarão lá dentro do garapé mermo, aqui fora tu não pode encontrar, mas lá dentro do garapé tu vai encontrar, porque pra, eu aprendi isso porque, teve um pescador, ele ensinou que o camarão mora no braço de açai, que fica dentro d'água no fundo e dos patauás também, ai eu aprendi isso, porque eles puxam o jacundá do garapé que são chamado de auitaru, peixe pequeno(jacundazinho)[...] os camarão estão desaparecendo, que eu me lembre foi na época que foi tão grande a matança dos peixes com timbó, ai desapareceu esses tipos de camarão, ai já com os tempos dessa teve um pouco de preservação os camarão tão tornando a se recuperar né, então o caranguejo esses ai mais, não sei se eles podem acabar se caso a população aumentar né, é ariscado acabar esses tipos de...esse camarão e o caranguejo [...] para nós o camarão se alimenta de limo, mandioca mole, peixe podre esses ai ele se alimenta, que geralmente a gente vê quando a gente tá pescando a gente vê que eles comem peixe podre o caranguejo também como peixe podre, a mandioca mole, os limos esses aí [...] tipo a gente vê mais na barriga do jacundá o camarão, que a gente vê mesmo que se alimenta de camarão é o jacundá, porque ele entra debaixo das tronqueiras e vai mexendo lá por dentro e ele se alimenta desses camarão e também do caranguejo, tipo pequeno né, agora o grandão talvez ele pode comer, mas não é tão fácil, porque ele se esconde [...] o gavião panema se alimenta do camarão e do caranguejo, porque tem algumas vezes que o caranguejo sai para ficar no pau, a coruja também come o caranguejo [...] acredito que o camarão aparece, porque ele se reproduz, o caranguejo, o camarão se reproduz através de ovos então disso ai , como é muito atacado eles procuram um

meio pra se esconder [...]pra cá pra nós, no caso o camarão, a gente acredita quando ta criando um cachorrinho e faz muito coco na casa da gente ou mija, ai a gente dá o camarão ai, pode tá até chovendo , mas ele sai pra fora pra fazer as fezes fora [...] até o momento não, não tem ninguém que se dedica da pesca para comercialização né [...]se reproduz através da ova, porque eles tem as ova, as fêmeas têm as ovas ai se reproduz através disso e o caranguejo também da mesma forma, procuram pau e deixa lá para quando sair os camarões pequeno, o caranguejo também é assim, so que o caranguejo vigia a ova dele [...] a importância pra natureza é que ele pode, vamo dizer eliminar alguns bichinhos que podem fazer mal para outros tipos de animais , acho que é dessa forma. (Mehin Andirá 1, 34 anos)

Quando se fez a entrevista, buscou dos entrevistados qual entendimento e conhecimento eles tinham sobre os crustáceos decapodos na região e como eram chamados e até o questionamento da importância para o meio ambiente.

No meu ponto de vista têm dois tipos de camarão os pequenos e os maiores, os pequenos se reproduzem pequenos mesmo e os grandes se reproduzem grandes também, já o caranguejos tem dois tipos também, tem aquelas que so vivem nágua e tem uma que vive somente na mata, que é chamado Mangurá [...] tem gente que faz isso, tem gente que só pesca pra isca, a minoria das pessoas que vivem aqui nesta comunidade ainda se alimenta de caranguejo ainda [...] muitas vezes aqui pra nós é preparado somente ele, assado [...] depende os homens utilizam mais na época da seca pra isca, já as mulheres quando lavam a mandioca mole, elas acham lá e pegam também, as crianças são as que mais utilizam devido os grupinhos pela beirada, ai pegam mais, as crianças pescam mais [...] pra pegar os camarões os adultos utilizam uma isca como peixinho e assam malamal ai colocam num deposito ou paneirinho chamado matapi, ai lá eles coloca os peixe assado e outro ou meia pegam pra capturamos camarões [...] do camarão eu praticamente não me lembro se há um folclore sobre isso, agora o caranguejo tem como os antepassados usavam como mitologia, eles contavam que o caranguejo é o peito de uma mulher que foi transformada pra essa terra, o caranguejo foi feito do tronco de uma mulher, esse corpo que é o caranguejo, antigamente era transformado em mesa que é utilizado para colocar nosso corpo quando a gente morre [...] aparece mais no tempo da seca, porque na época da seca tem mais buraco de pau e tem muito limo, por isso aparece mais na época da seca [...] sim, esta desaparecendo no meu ponto devido o estrago do homem no meio ambiente que vive, por causa disso as vezes a, os animais os bichinhos se afastam um pouco devido esses estrago que as vezes o homem faz ao meio ambiente [...] os camarões e os caranguejos se alimentam realmente quando acham mesmo eles podem os peixes podres, animais podres, qualquer coisa que eles acham pra eles é um alimento [...] sim, o jacundá principalmente é um, o camarão é o comida ideal pra ele, já os pirarucu se alimentam também de caranguejo e de camarão também, os acarás, acará pororoca, acará pixuna que é chamado, esses são os que mais se alimentam desse animais ai, esses bichinhos [...] sim, o soco no caso, ele come todo tipo de peixe, devido a seca a gente acha o soco então a garça que ficam coletando os bichinhos, isentos que ficam pela beirada, mas principalmente o camarão, agora o caranguejo é difícil [...] o camarão ele vem, realmente vem dos buracos das pedras, debaixo das folhas que existe lá no fundo, o caranguejo é a mesma cois, que o caranguejo e o camarão são quase da mesma espécie, já o caranguejo que vive na mata que as vezes a gente encontra, mas como falei sobre a mitologia o caranguejo que vive na mata so encontra a gente quando realmente vai acontecer coisa

boa, se vc achar um caranguejo daquele tipo de dia não vai achar, porque ele fica parado, se isso acontecer é porque vai acontecer coisa boa contigo [...] o camarão os velhos, os antepassados usam muito pra como pra isca como também pra alguns medicamentos, no caso que nossos antepassados curam muitos cachorros, criam cachorrinho e quando topam as vezes uma coisa que o cachorrinho faz, então assam e dá pra ele pra que o cachorrinho possa fazer as necessidades dele fora de casa [...] que eu saiba não [...] os camarão se reproduz através de ovos, caranguejo a mesma coisa, os caranguejos que vivem n'água se reproduzem n'água, já os caranguejos que a gente acha na floresta eles se reproduzem no chão, no buraco da terra [...] o camarão e caranguejo no meu ponto de vista são importante pra natureza, por exemplo eles são coletores daqueles, das coisa que realmente o fundo do rio, a água recebe, as vezes como tenho dito o ser humano as vezes ele tem essa culpa de sujar o meio ambiente a água onde ele convive, mas os caranguejos, os animais, são aqueles bichinhos que limpam o que é suja, realmente assim, porque eles se alimentam dos restos de comidas, que as pessoas joga fora e qualquer coisa que as vezes sujam o meio ambiente. ( Mehin Andirá 2, 38 anos)

E com essas entrevistas conseguimos montar uma tabela do dialeto Sateré com tradução sobre os crustáceos e suas respectivas partes (regiões) como são chamadas ou conhecidas pelo os indígenas do rio Andirá pertencente à etnia Sateré Mawé, conforme a (Quadro 1), e também o desenho ilustrativo dos crustáceos coletados com suas respectivas legendas, (Figura 2 e Figura 3).

Quadro1 – Quadro bilíngue das estruturas dos Crustáceos Decapodos

<b>QUADRO DE TRADUÇÃO SATERÉ MAWÉ – CRUSTÁCEOS DECAPODOS</b>			
<b>NOME POPULAR/TERMO CIENTÍFICO</b>	<b>DIALETO SATERÉ MAWÉ</b>	<b>PRONUNCIA</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Camarão/ <i>Macrobrachium</i>	Pohiã	Porrian	Camarão
Caranguejo/ <i>Valdivia</i>	Akāt'a	Aca - á	Caranguejo
Cabeça	Akağ	Acan - gui	Cabeça
Corpo	Ipt	I - piiite	Corpo
Olho	Iha	Irrá	Olho
Boca	Wě	wen	Boca
Barbatana	Iwě sap	wen sápi	Barbatana
Carapaça	I'ape	la - pé	Casca/casco
Abdome	Hunmy'a	Rum – mum -ia	Barriga
Braços/ Pareópodos	Ipo'yp	Ipó - up	Braço
Nadadeira/ Pleópodos	Huwaipype	Ru – ai – pú - pé	Nadadeira
Calda/ Urópodo	Huwaipo	Ru – ai - pó	Rabo

Figura 2 -: Descrição bilíngue das estruturas do Camarão

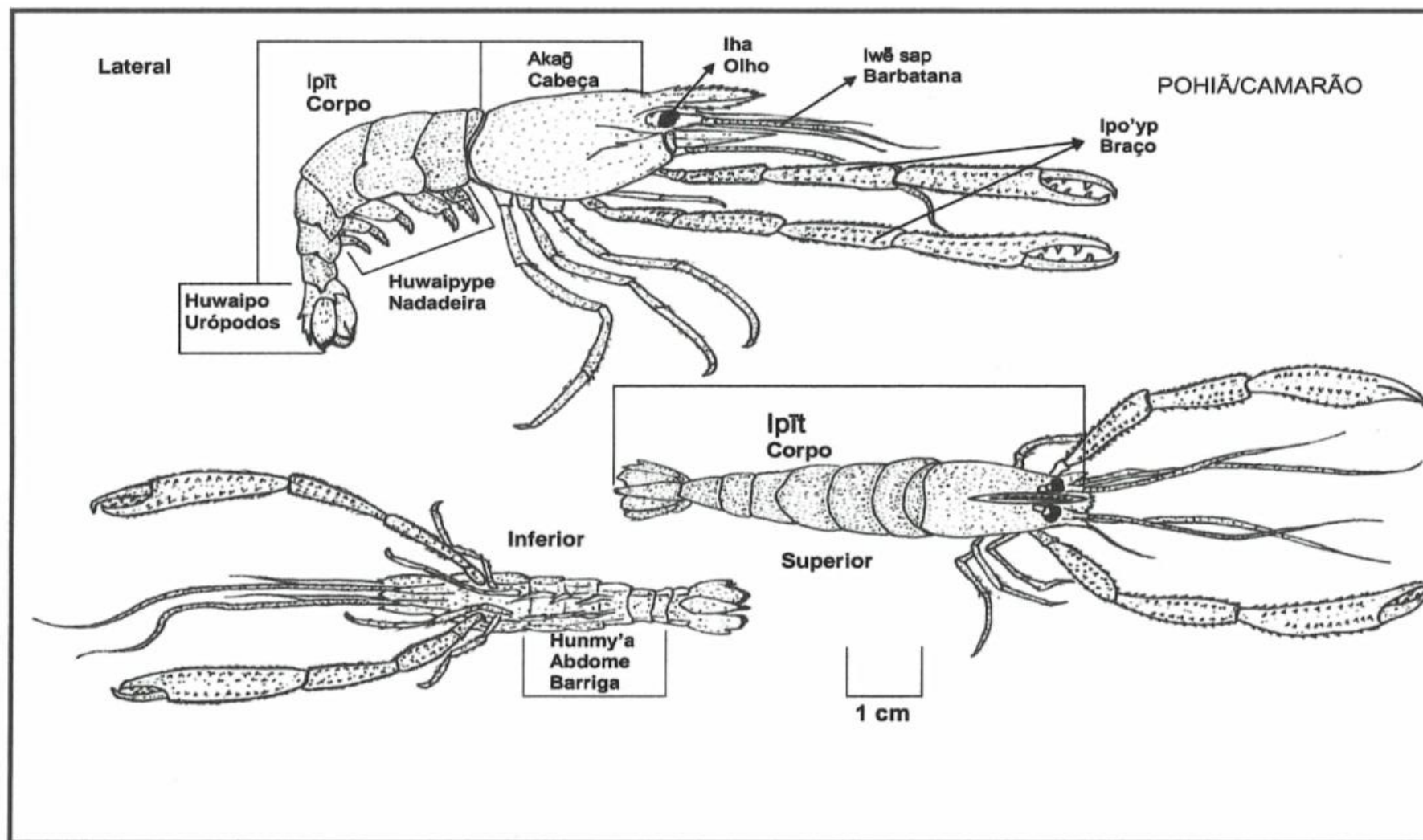
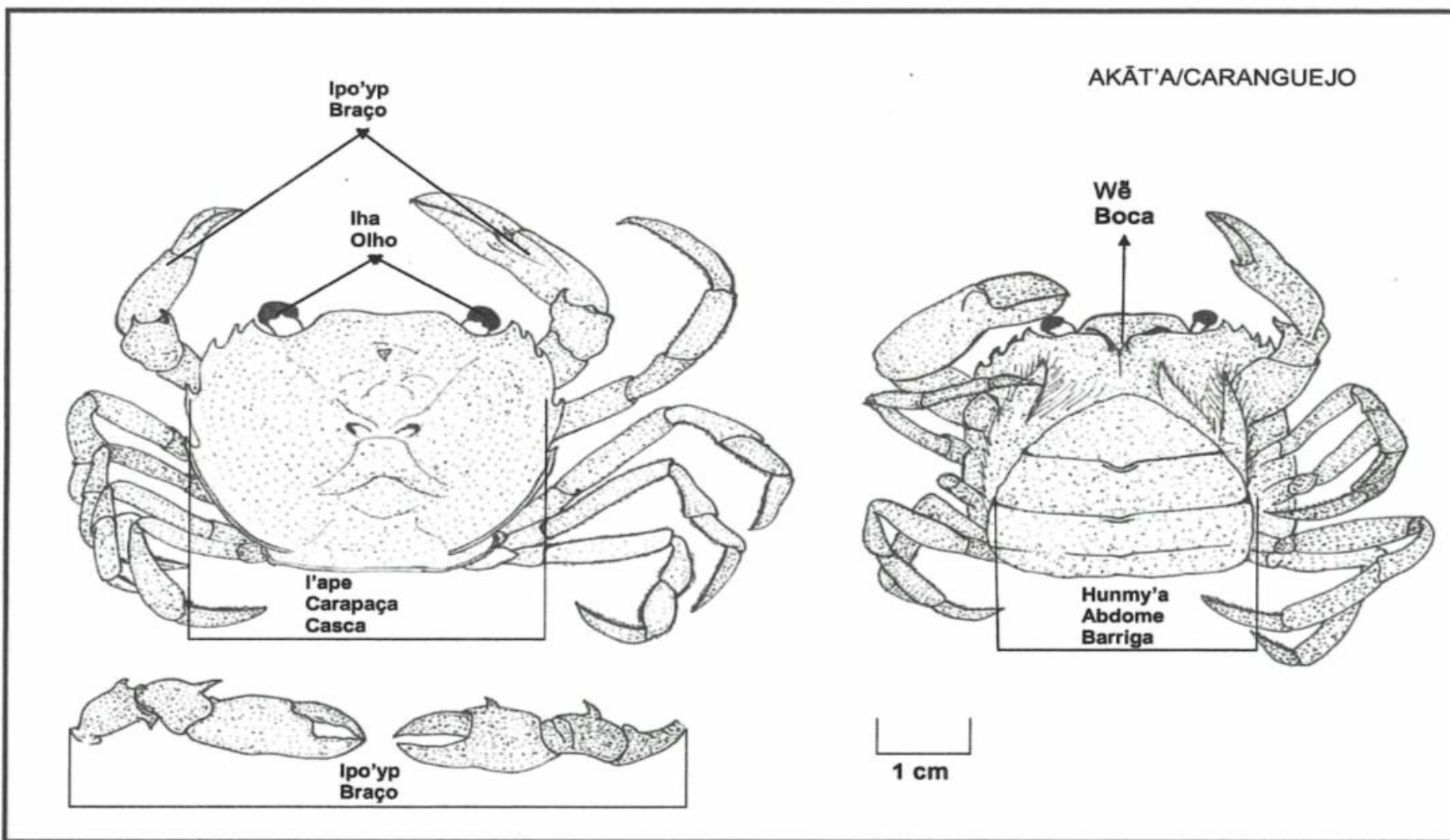


Figura 3: Descrição bilíngue das estruturas do Caranguejo



Fonte: FERREIRA. A.T, (2022)

## CONCLUSÃO

A pesquisa teve como ponto base o etnoconhecimento dos indígenas Sateré Mawé, levando em consideração seus saberes, nos quais verificou-se como realmente é a sua realidade, costumes e crenças, se os mesmos detêm o conhecimento ou algo relacionado sobre os crustáceos decapodos, e como eram chamados em seu dialeto.

Verificou-se que os indígenas Sateré Mawé, mesmo sem ter o domínio dos estudos científicos, têm uma noção dos hábitos dos crustáceos e que conhecem empiricamente mais de uma espécie, contudo em seu dialeto é apenas chamado de Pahiã (camarão), e Akāt'a (caranguejo), com isso foi feita a legenda de cada parte das estruturas dos crustáceos. Poucos indígenas alimentam-se desses animais, eles servem mais para isca do que para alimentação, dos 10 entrevistados todos se alimentam do camarão ou caranguejo, mas não é um hábito recorrente. São utilizados para a pesca artesanal de peixes como: jacundá, acará pororoca, acará preto. E ainda se tem as suas crenças de que os camarões servem para curar seus cachorros, pois os mesmos acreditam que quando assam e dão o camarão para o cachorro ele nunca faz suas necessidades fisiológicas dentro de casa.

Apesar de ter uma cultura muito rica, hoje em dia estão se perdendo certos costumes, devido a inserção das ferramentas tecnológicas ( televisão, smartphones, computadores e outros) dentro da aldeia, muitos dos jovens não tem mais o hábito de pescar e até mesmo estão perdendo ou já perderam a fluência no dialeto Sateré Mawé.

Portanto, apesar de tais dificuldades conseguiu-se elaborar uma tabela bilíngue, Português - Mawé, com desenhos ilustrativos e denominação das respectivas partes dos crustáceos decapodos.

Como cita Miranda (2007), o etnoconhecimento refere-se aos “conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal”. E para que isso aconteça precisa do incentivo e que não se deixe tais costumes como a crença, cultura e linguística do povo se percam nas futuras gerações.

## BIBLIOGRAFIA

BERNAL, R. J. **Índios urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus.** Manaus: Editora da universidade federal do Amazonas faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.

BOTELHO, J. B.; WEIGEL, V.; Augusta C. M. **Comunidade sateré-mawé Y'Apyrehyt: ritual e saúde na periferia urbana de Manaus.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011, p.723-744.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). - Parecer CNE/CEB nº13/2012 – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena.** Brasília, MEC/SEF.

BRESAN, D.; BASTOS, J. L.; LEITE, M. S. **Epidemiology of high blood pressure among the Kaingang people on the Xaçepó Indigenous Land in Santa Catarina State, Brazil,** 2013. Cadernos de Saúde Pública, v. 31, n. 2, p. 331–344, fev. 2015.

CARNEIRO, D. S.; **Construções negativas em sateré-mawé.** 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15415>. Acesso 28 de maio de 2022.

CUMBERLIDGE, N. et al. 2014. **Results, of the global conservation assessment of the freshwater crabs (Brachyura, Pseudothelphusidae and Trichodactylidae):** The Neotropical region, with an update on diversity. In: Werthmann IS, Bauer RT (Eds) Proceedings of the Summer Meeting of the Crustacean Society and the Latin American Association of Carcinology, Costa Rica, July 2013. Zookeys, 457: 133 – 157.

DE CASTRO, T. G. et al. **Estado nutricional dos indígenas Kaingáng matriculados em escolas indígenas do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.** Nutritional status of Kaingáng Indians enrolled in 12 indigenous schools in the State. Cad. saúde pública, v. 26, n. 9, p. 1766–1776, 2010.



JOHANNES, R. E. (1989). **Fishing and traditional knowledge: a collection of essays**. Gland: IUCN, The World Conservation Union.

LIMA, J. F.; SANTOS, T. S. Aspectos econômicos e higiênico-sanitários da comercialização de camarões de água doce em feiras livres de Macapá e Santana, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, v. 4, n. 1, p. 1-8, 2014.

LORENZ, S. S. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: CTI, 1992. 160 p.

MAGALHÃES, C. V. F. 1991. **Revisão Taxonômica dos caranguejos dulcícolas da Família Trichodactylidae. Crustacea: Decapoda: Brachyura**. Instituto de Biociências da USP, 175p. (Tese de Doutorado).

MAGALHÃES, C. 2000. **Diversity and abundance of decapods crustaceans in the Rio Negro basin, Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brazil**. In: Chernoff, B.; ALONSO, L. E. et al. **A biological assessment of the aquatic ecosystems of the Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brazil**. RAP Bulletin of Biological Assessment 18. Conservation International, Washington, USA, p.56-62.

MAGALHÃES, C. 2003a. **Famílias Pseudothelphusidae Trichodactylidae**. Pp. 143 – 287. In: Melo, G.A. S. (Ed.) **Manual de identificação dos Crustacea Decapoda de água doce do Brasil**. São Paulo, Brazil, Editora Loyola.

PEREIRA, N. **Os índios Maués**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954. 176 p.

PORTO, L. A. C. **Estrutura populacional e biologia reprodutiva de *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) Crustacea, Decapoda, na Bacia Hidrográfica do rio Meia-Ponte, Bela Vista de Goiás GO**. Brasil. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. 1998.

TEIXEIRA, P.; MAINBOURG, E. M. T.; BRASIL, M. **Migração do povo indígena Sateré-Mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia**. Salvador: caderno Crth, v. 22, p. 531-546, set./nov. 2009.

UGGÉ, E. **Indio, signore dei fiumi. Mondo e Missione, Milano: P.I.M.E., v. 114, n. 6, p. 173-97, mar. 1985.**

**ANEXO 01**

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1. Como são chamados os camarões? É conhecido mais de um tipo?
2. Como são chamados os caranguejos? É conhecido mais de um tipo?
3. Eles são pescados e utilizados na alimentação?
4. Em quais comidas eles são utilizados? Como são preparados?
5. Quais grupos (homens, mulheres ou crianças) pescam estes animais?
6. Como eles são pescados? Quais os instrumentos de pesca e iscas?
7. Existe algum folclore sobre estes animais?
8. São dados nomes específicos para as partes do corpo? Como a cauda, cabeça, etc...
9. Existe algum uso destes animais fora a alimentação?
10. Existe alguma época do ano que estes caranguejos ou camarões aparecem mais? Qual é esta época? E porque acreditam que aparecem mais nesta época?
11. Estes animais estão desaparecendo? Porque você acha?
12. Você acredita que os camarões se alimentam do que?
13. Você acredita que os caranguejos se alimentam do que?
14. Já viu algum peixe se alimentando de camarões ou caranguejos? Já viu esses animais na barriga de algum peixe? Qual?
15. Já viu alguma ave ou outro animal se alimentando de camarões ou caranguejos? Quais são eles?
16. De onde se acredita que venham caranguejos e camarões?
17. Camarões e caranguejos são utilizados em algum medicamento?
18. Existe pesca de camarões ou caranguejos para a venda?
19. Você sabe como estes animais reproduzem? Se sim explique como.
20. Qual é a principal importância de camarões e caranguejos para a natureza?

## ANEXO 02




Ministério da Justiça  
 Fundação Nacional do Índio – FUNAI  
 Coordenação Técnica local de Parintins  
 Rua Paes de Andrade, 212 – Centro  
 Parintins/AM CEP: 69.151-200 – Tel.: (92)3533-2471




## AUTORIZAÇÃO

Pela presente, AUTORIZAMOS, a pedido do interessado ALEXANDRE TYSON FERREIRA DE SOUZA, indígena de etnia Sateré Mawé, que o mesmo realize visitas à Terra Indígena Andirá Marau, sob jurisdição desta CTL FUNAI Parintins, especificamente nas comunidades Ponta Alegre e Vila Miquiles, com objetivo de fazer entrevistas e coletar dados para seu Trabalho de Conclusão de Curso, na Universidade do Estado do Amazonas, sendo orientado pelo Prof. Dr. Fabiano Grazzi Taddei.

Parintins – AM 27 de Outubro de 2021.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA B.  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
 COORDENAÇÃO TÉCNICA LOCAL DE PARINTINS  
  
 Sérgio de Siqueira Butel  
 Port Pres 49717014

## ANEXO 03



Ofício Nº006/2021 - CPCB/CESP-UEA Parintins - AM, 26 de OUTUBRO de 2021.

**De: Profª. Drª. Cynara Carmo Bezerra**  
**Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas – CESP/UEA**

**Para: Ilmo. Sr. Sergio de Seixas Butel**  
**Coordenador Técnico Local da Funai.**

COORDENAÇÃO TÉCNICA LOCAL-PARINTINS  
**FUNAI**  
**REGISTRADO**  
**CTL PARINTINS**  
**CR-MANAUS**  
**00.059.311/0003-98**


Prezado Coordenador,

O Curso de Ciências Biológicas do CESP, na perspectiva de aproximar as discussões realizadas em sala de aula aos trabalhos desenvolvidos na esfera social no Município de Parintins. Vem por meio deste, solicitar à V.Sa. autorização para que o acadêmico **ALEXANDRE TYSON FERREIRA DE SOUZA** possa realizar atividades do seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: "Etnoconhecimento sobre os crustáceos decapodas regionais dos Sateré Mawé do Andirá - Barreirinha/Am". Estando sob orientação do Prof. Dr. Fabiano Gazzi Taddei. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, o acadêmico precisará da autorização deste órgão competente para executar entrevista na área indígena Sateré Mawé do rio Andirá, nas comunidades de Ponta Alegre e Vila Miquilis.

Certa de contar com a Vossa valorosa contribuição, agradecemos, elevando os votos de consideração e apreço.


Atenciosamente,

*RECEBIDO CM*  
*27/10/2021*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA M.J  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO  
 COORDENAÇÃO TÉCNICA LOCAL DE PARINTINS  
  
 Sérgio de Seixas Butel  
 Port. Pres 497/2014

*Cynara Carmo Bezerra*  
 Profª. Dra. Cynara Carmo Bezerra  
 Coord. Curso Ciências Biológicas  
 Port. Nº 395/2021 - GR/UEA  
**Profª. Drª. Cynara Carmo Bezerra**  
 Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas – CESP/UEA

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
 Estrada Odovaldo Nova, S/N – Djard Vieira  
 Cep: 69152-470  
 www.uea.edu.br





## ANEXO 04



Adolescente Sateré, segurando o paneiro para coleta do camarão.



Paneiro utensílio Sateré. utilizado para coleta do camarão e caranguejo.



Local com paus com buraco para coleta



Pedra Utilizada como armadilha para coleta



Coleta noturna



Camarão/*Macrobrachium* no local de coleta



Camarão/*Macrobrachium* coletado.



Caranguejos/*Valdivia* coletado.

## ANEXO 05



Amostra dos Caranguejos/*Valdivia* coletados, vista superior da carapaça.



Amostra dos Caranguejos/*Valdivia* coletados, vista inferior do abdome.



Amostra do Caranguejos/*Valdivia* coletado, vista superior da carapaça.



Amostra do Caranguejos/*Valdivia* coletado, vista inferior do abdome.



Amostra do Camarão/*Macrobrachium* coletado, vista superior do corpo.



Amostra do Camarão/*Macrobrachium* coletado, vista lateral do corpo.